



A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA NA IDENTIDADE DO SUJEITO-PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: RESSONÂNCIAS SOBRE O MODO DE DIZER E LUGARES DISCURSIVOS

Marcia Iolanda de Souza de Oliveira¹

Toda a prática discursiva sofre determinações em seus processos de identificação e aquela que se refere ao professor de língua inglesa não pode ser diferente. Foi pensando nesses processos, no modo como o sujeito-professor vê e se relaciona com a língua que ensina, e como tudo isso é constitutivo de seu discurso é que chegamos ao propósito de analisar discursivamente essa relação.

Para tanto, pautamos nossa análise na pesquisa que realizamos entre os anos de 2014 a 2016, período em que entrevistamos alguns dos professores de língua inglesa do município de Ariquemes, Rondônia, buscando saber entre tantos outros aspectos, como suas relações com a língua inglesa estão constituídas em seus discursos.

Esses sujeitos-professores possuíam em suas trajetórias de trabalho uma experiência relevante, compreendendo entre 03 (três) e 15 (quinze) anos no ensino da língua. Igualmente eram conhecedores dos diversos níveis e segmentos, atuantes em escolas de ensino fundamental, médio e idiomas. Somado a esse cenário profissional consideramos também que esses sujeitos são conhecedores de outros saberes no universo que os cerca.

Contudo, nosso propósito compreendeu uma reflexão sobre as marcas nos discursos dos professores que evidenciavam a presença do já-dito, ressoando movimentos de sentidos na retomada do mesmo. Também analisamos nas discursividades a constituição do lugar discursivo do professor de língua inglesa, pensando na prática discursiva desse sujeito enquanto uma determinação de seu lugar social.

No funcionamento do já-dito, do mesmo sob a condição de paráfrase, do lugar discursivo e do lugar social engendra-se a constituição de um discurso e de um sujeito heterogêneos. Sobre isso, observamos que os dizeres que estão representados nos discursos muitas vezes evidenciam a heterogeneidade constitutiva, demarcando contradições com relação aquilo que está representado no discurso. O que nos faz pensar que sempre haverá outras determinações da exterioridade que afetarão o modo como o sujeito discursiviza.

Partindo do aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso da linha francesa, compreendendo que teoria e análise são construídas num entrelaçamento, trazemos algumas sequências discursivas resultantes do trabalho envolvendo o grupo de docentes. Então analisamos nessas discursividades a ressonância do já-dito, observando as marcas que apontam para os lugares discursivos de onde esses sujeitos enunciam e a presença de um espaço heterogêneo.

¹ Mestre em Letras – Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Professora do Instituto Federal de Rondônia/IFRO Campus Ariquemes.



Sustentamos nossas análises nos estudos de Pêcheux (1995; 2011) que tratam do já-dito sob a forma de pré-construído. Considerados como micro-organismos ideológicos, os dizeres que se constituem nesta forma instauram-se nos discursos para constituir uma ideologia dominante.

Todavia, devemos considerar que mesmo nos entremeios de uma ideologia que se pretende fazer dominante, formas de resistências podem emergir como uma maneira de provocar um deslocamento de sentidos. É a partir desta abordagem que também analisamos certas instâncias da heterogeneidade constitutiva presentes nos discursos dos sujeitos-professores de língua inglesa.

Outra questão sobre a qual nos debruçamos está no movimento do sujeito. Quando este enuncia há um retorno ao mesmo espaço do dizer buscando tornar o enunciado interpretável (ORLANDI, 1999), atestando que a paráfrase tem um papel fundamental nos processos de construção dos sentidos. Com isso, compreendemos melhor os movimentos que ressoam “significativamente na verticalidade do discurso e se concretizam na horizontalidade da cadeia através de diferentes realizações linguísticas” (SERRANI, 1991, p. 110).

No que se refere à relação do sujeito com a língua que ensina e no modo como se inscreve na história para produzir sentidos (ORLANDI, 1999), entendemos essa relação como fruto de uma determinação do lugar social ocupado pelo sujeito. Sobre isso, também nos interessa quando desse lugar, há um posicionamento discursivo por parte do sujeito, e desse posicionamento a prática emerge como um espaço heterogêneo (GRIGOLETTO, 2005).

Neste contexto compreendemos que a constituição do lugar discursivo está ancorada nas duas formas interdependentes de heterogeneidade, a constitutiva do discurso e a representada no discurso e na relação que elas possuem com a exterioridade.

A heterogeneidade representada, da ordem do intradiscurso, é demarcada na estrutura da língua, podendo revelar os modos como o sujeito negocia com a heterogeneidade constitutiva. Exemplos da forma representada estão nos discursos diretos, nas aspas, nas glosas, nos discursos indiretos livres e no pré-construído. (AUTHIER-REVUZ, 1990). No funcionamento da heterogeneidade representada observamos as marcas que apontam para a exterioridade da língua e também do sujeito (ORLANDI, 1999), lembrando que todo discurso sofre uma interferência determinada por aquilo que vem de fora. (GRIGOLETTO, 2005).

Já a heterogeneidade constitutiva, produto do interdiscurso, é uma forma de heterogeneidade da ordem do real da língua, daquilo que não podemos facilmente perceber. Por esta razão o que vamos observar na heterogeneidade constitutiva é a emersão de um sujeito sob um efeito de ilusão. E como há uma interdependência entre as duas formas de heterogeneidade o que a forma representada faz é tornar observável tal efeito de ilusão. (AUTHIER-REVUZ, 1990).

A partir dessas abordagens trazemos algumas sequências discursivas representando os dizeres dos sujeitos-professores em suas relações com a língua inglesa e em seus modos de se inscreverem na história para produzir sentidos.



SD1²: Para se comunicar você vai precisar de vocabulário (...) o restante é interação, (...) o processo de comunicação é bastante amplo.

Nesta SD1 há a ressonância de dizeres evidenciando uma concepção sobre a aprendizagem da língua inglesa que se sustenta em um discurso disponibilizado pela cadeia interdiscursiva. O que já se encontra instituído é retomado (re)produzindo os sentidos acerca do que é aprender uma língua. Tomamos como evidência dessa condição o discurso que se embasa na necessidade de se ter um bom ou vasto vocabulário e nas habilidades de interação que um aprendiz deve ter para se comunicar com outros falantes.

Também nos chama a atenção na SD1 o enunciado das formas linguísticas *vocabulário*, *comunicação* e *interação*. Entendemos que essas marcas retomam o pré-construído em torno do chamado Método Direto. Embora esse método obtivesse sua culminância no final do século XIX e começo do século XX, ele perpassou por diversas reformulações ao longo dos anos, na busca pelo melhor método de ensino (RICHARDS, 2009). Sendo assim, os dizeres na SD1 ainda nos remetem ao discurso que se consagrou entre os estudos da linguística aplicada, permanecendo, até então, fortemente presente no imaginário social.

Em outra SD analisamos o discurso sobre a aquisição de língua.

SD2: (...) nós fazemos de forma errada (...) o que você tem que adquirir primeiro? É a conversa! Uma criança aprende a conversar, para depois aprender a gramática, a escrita.

Aqui vemos novamente um discurso semelhante ao anterior. Contudo, o que queremos enfatizar são as marcas que apontam para uma evidência de que há elementos que vem de fora para dentro deste discurso. Analisando as palavras *errado*, *conversa*, *gramática* e *escrita*, observamos que há uma interferência que faz com que elas passem por uma especificação de alteridade comprovando que “a exterioridade está no interior do sujeito”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 5).

Nos dizeres da SD2 há uma articulação com a exterioridade apontando para uma identificação do sujeito com uma forma de aprender a língua, demarcando assim sua inscrição na história e seu lugar social. Aqui lembramos que, os sentidos que emanam deste lugar já estão cristalizados e instituídos como verdades, conforme nos disse Pêcheux (1995).

Na próxima SD vemos o sujeito discursivizando sobre o que é dominar um idioma.

SD3: Dominar o idioma é quando você consegue ouvir, falar e escrever. Quando você consegue esses três, você domina o idioma.

O que entendemos nesta SD se conecta com o ensino de línguas focado no desenvolvimento das habilidades linguísticas, conduzindo a prática discursiva desse sujeito a partir do lugar social que ele ocupa. Ressaltamos que este sujeito-professor é atuante em escola de idiomas. Neste caso observamos que sua noção de domínio da língua parece estar pautada nos métodos e técnicas desenvolvidos para atender o ensino nessas escolas. Assim, entendemos que em seus dizeres

² SD1=Sequência Discursiva 1.



emergem os saberes da instituição que alicerçam e legitimam seu lugar social, constituindo assim o seu lugar discursivo.

Através desses discursos notamos que a cadeia sintática também é determinante de um posicionamento discursivo. As marcas na estrutura da língua apontam para a prática discursiva do sujeito, caracterizando seu movimento entre o lugar social e o lugar discursivo. Considerar essa prática sob o viés da heterogeneidade é compreender que a identidade de um sujeito é, essencialmente, constituída pela linguagem. Sobre isso, também vejamos o que acontece na SD4 quando o sujeito é convidado a lembrar como foi para ele aprender a língua inglesa.

SD4: (...) sempre achei bonito ver as pessoas falando inglês (...) me encantavam, tinha vontade de aprender inglês para poder viajar (...) não viajei muito, mas me sinto realizada com meu aprendizado, gosto de fazer meus alunos viajarem no tempo (...) não consigo fazer um bom trabalho, as salas são lotadas.

Compreendemos a partir deste último discurso que o lugar discursivo de onde este sujeito enuncia não é um espaço homogêneo, algo em seus dizeres desestabiliza o modo como se inscreve na história. Eis um caso em que a heterogeneidade representada negocia com a heterogeneidade constitutiva. As marcas em *não* e *mas*, representadas no fio do discurso, evidenciam contradições, e, embora o encanto que este sujeito-professor sente pela língua parece ser afetado pelas suas condições de trabalho, há uma tentativa de negociação, constituindo uma forma deste sujeito, através de sua prática discursiva, buscar uma estabilidade para o seu lugar social (GRIGOLETTO, 2005).

Com isso, concluímos que a constituição do lugar discursivo enquanto espaço heterogêneo é o resultado de um conjunto de elementos interligados no processo de construção dos sentidos. A ressonância do já-dito configurando a representação do mesmo nos discursos e analisado sob as formas da heterogeneidade representada atestam o modo como o sujeito se relaciona com a língua, se inscreve na história e é determinado pelos processos de identificação articulados aos saberes institucionalizados.

Contudo, percebe-se na SD4, por exemplo, que no modo como o sujeito discursiviza há uma insistência daquilo que é constitutivo do discurso sobre aquilo que é representado no discurso. Embora temos a evidência de outras determinações da exterioridade operando sobre esses dizeres, mostrando que sempre haverá uma identificação do sujeito com os saberes já instituídos pela formação social na qual está inscrito, compreendemos essa insistência como uma forma de resistência provocada por aquilo que é constitutivo do discurso sobre aquilo que é representado no discurso. E é dessa maneira que as contradições emergem e os sentidos se deslocam.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderlei Geraldi. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas – São Paulo (19): 25-42, jul./dez. 1990.

GRIGOLETTO, Evandra. *O Discurso de Divulgação Científica: Um Espaço Discursivo Intervalar*. Tese de Doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2005.



ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Pontes. Campinas – São Paulo, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Editora da Unicamp. Campinas – São Paulo, 1995.

_____, Michel & GADET, Françoise. A Língua Inatingível. In: ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Pp. 93-105. Pontes, 2ª Ed. Campinas – São Paulo, 2011.

RICHARDS, Jack C. *Curriculum Development in Language Teaching*. Cambridge University Press 11th printing. USA, 2009.

SERRANI, Silvana Mabel. *A Paráfrase como Ressonância Interdiscursiva na Construção do Imaginário da Língua – O Caso do Espanhol Riopratense*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP. Campinas – São Paulo, 1991.